



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
LÍNGUA ARTE E LITERATURA

**RESGUARDO PÓS-PARTO DAS MULHERES XAKRIABÁ DAS ALDEIAS BARREIRO  
PRETO E ITAPICURU**

Izabel Fernandes Ribeiro Santos  
Marlene Ferreira da Silva Souza

Belo Horizonte  
Agosto de 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
LÍNGUA ARTE E LITERATURA

**Resguardo pós-parto das mulheres Xakriabá das Aldeias Barreiro Preto e Itapicuru**

Izabel Fernandes Ribeiro Santos  
Marlene Ferreira da Silva Souza

Trabalho de percurso Acadêmico  
apresentado ao curso de licenciatura em  
Formação Intercultural para Educadores  
Indígenas  
Orientadora: Marina de Lima Tavares

Belo Horizonte  
Agosto de 2020

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao nosso Deus por nos proporcionar essa oportunidade de fazer esse curso e por sempre nos ajudar na nossa vida de estudante acadêmico e principalmente no nosso trabalho de conclusão de curso (TCC), que muitas vezes nos sentiam fracas e ele nos fortaleciam.

Aos nossos caciques e lideranças Xakriabá que nos permitiu a fazerem esse curso.

A nossa família que sempre nos apoiou, ajudou e nos incentivou a não desistir quando nos sentiam enfraquecidas.

Aos representantes do curso de Formação Intercultural pra Educadores Indígenas – FIEI em especial senhor Valdemar Xavier dos Santos (em memória), que sempre lutou para a nossa continuidade no curso.

As nossas entrevistadas que contribuíram para a conclusão do nosso trabalho.

A nossa comunidade e escola Itapicuru e Barreiro preto que sempre nos apoiou.

A Universidade Federal de Minas gerais – UFMG e todos os professores e coordenadores do curso.

A nossa orientadora Marina Tavares que muito nos ajudou para a realização desse trabalho.

Aos nossos colegas e amigos que sempre estavam dando palavras de força e conforto quando nós precisávamos.

Não podíamos nos esquecer da nossa coordenadora de turma e professora Maria Gorete Neto que sempre nos representou e orientou muito bem e sempre que necessário chamava a nossa atenção e isso só contribuiu para o nosso melhor.

Enfim agradecemos a todos que contribuiu para a nossa pesquisa.

Obrigado a todos.

## **SUMÁRIO**

<b>1- Introdução: apresentação das autoras, o tema da pesquisa e nosso interesse pelo tema</b>	<b>7</b>
<b>1.1 - Apresentação das autoras</b>	<b>7</b>
<b>1.2 – O tema da pesquisa</b>	<b>12</b>
<b>1.3 - Nosso interesse pelo tema</b>	<b>12</b>
<b>2 - Apresentação do território Xakriabá e das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru</b>	<b>14</b>
<b>2.1. Apresentação das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru</b>	<b>16</b>
<b>3- Metodologia</b>	<b>21</b>
<b>4- Conversas com as mulheres entrevistadas</b>	<b>24</b>
<b>4.1 - Conversando com nossas guerreiras Dona Maria e Dona Inês (parteiras)</b>	<b>25</b>
<b>4.2 - Conversando com as mães: exemplos de vida que teceram as histórias dessas mulheres</b>	<b>36</b>
<b>4.3 - Conversando com as enfermeiras</b>	<b>40</b>
<b>6- Considerações finais</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>50</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Izabel aldeia Barreiro Preto arquivo 2019

Figura 2: Marlene aldeia Itapicuru 2019

Figura 3: Mapa do território Xakriabá

Figura 4: Mapa das aldeias

Figura 5: Casa da medicina tradicional Xakriabá 2019

Figura 6: Casa da comunidade aldeia Barreiro Preto 2019

Figura 7: Escola Estadual Indígena Xukurank 2019

Figura 8: Posto de saúde aldeia Barreiro Preto

Figura 9: Escola Estadual Indígena Bukikai aldeia Itapicuru I

Figura 10: Escola Estadual Indígena Bukikai aldeia Itapicuru II

Figura 11: Posto saúde Itapicuru

Figura 12: Dona Inês parteira aldeia Barreiro Preto

Figura 13: Dona Maria parteira aldeia Itapicuru

Figura 14: Dona Maria mãe Aldeia Itapicuru

Figura 15: Dona Ana mãe aldeia Barreiro Preto

Figura 16: Transsagem (remédio usado para inflamação)

Figura 17: Mastruz

Figura 18: Cebola e coentro

Figura 19: Pirão

## **RESUMO**

Essa pesquisa tem como objetivo fortalecer e trazer as novas gerações a importância do resguardo no pós-parto das mulheres das aldeias Xacriabá Barreiro Preto e Itapicuru. Foi realizada por duas estudantes da turma de Língua, Arte e Literatura do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (LAL/FIEI), Izabel e Marlene, no qual a escolha do tema foi interesse de nós duas “resguardo pós-parto”. Nossa intenção foi entender melhor o conhecimento de mulheres indígenas, das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru sobre como é feito o resguardo pós-parto de mulheres Xacriabá, para que seus conhecimentos não venham a acabar. Nossa pesquisa foi realizada através de entrevista e conversas com parteira e mães moradoras das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru, além de duas enfermeiras que trabalham nessas aldeias. Encontramos um livro vivo das histórias de vidas vivenciada pelas mulheres indígenas entrevistadas, com muitos momentos tristes e outros alegres. Foram muitas dificuldades, mas não abalaram seus costumes, como alimentação no resguardo e os remédios caseiros que são fundamentais no tratamento tanto na gravidez quanto no pós-parto. Nas conversas que tivemos, elas não deixaram de falar das mudanças e cuidados sobre o resguardo pós-parto principalmente com as jovens de hoje. Concluímos com uma breve reflexão sobre essas mudanças do resguardo pós parto e sobre aquilo que faz as mulheres guerreiras.

**PALAVRAS-CHAVE: mulheres indígenas guerreiras; saberes tradicionais; pós parto.**

## **1- Introdução: apresentação das autoras, o tema da pesquisa e nosso interesse pelo tema**

Este trabalho foi realizado por duas estudantes da turma da turma Língua, Arte e Literatura do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (LAL/FIEI) - 2016-2020: Izabel e Marlene. Escolhemos este tema porque nós tínhamos muita curiosidade em saber sobre como era guardado o resguardo antigamente e nos dias de hoje. Como o nosso interesse era o mesmo pelo tema e desde o início do curso nós descobrimos que estávamos grávida e foi muito difícil conciliar essas duas coisas boas que estavam acontecendo em nossas vidas e não queríamos perder nenhuma delas, foi aí que decidimos que iríamos em busca de informações que pudessem esclarecer mais sobre o assunto para nós e também para outros públicos e que essa pesquisa fosse também repassada pelas novas gerações. Fomos em busca de pessoas que são grandes exemplos na nossa comunidade, mulheres que fizeram de suas vidas um livro vivo em nossa sociedade e que mesmo passando por várias dificuldade não desistiram, e nós não somos muito diferentes delas por isso decidimos enfrentar também os nossos desafios.

### **1.1 - Apresentação das autoras**

**Figura 1: Izabel tenho 32 anos, autora deste trabalho Aldeia: Barreiro Preto**



**Fonte: Arquivo pessoal, 2019**

Eu Izabel Fernandes Ribeiro tenho 32 anos de idade sou natural da terra indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto município de São João das Missões.

A minha trajetória escolar no início do Fundamental I foi com professores brancos, já no Fundamental II eram professores indígenas, pois estava em formação, foi muito prazeroso estudar com professores de nossa região, aconteceu a formatura 8º ano onde usamos os nossos trajes indígenas fomos privilegiados pois fomos os primeiros alunos indígenas a concluir a formatura com professores indígenas aproveitamos bastante fizemos um festanças onde todos participou e comemorou conosco essa vitória.

Para dar continuidade nos estudos tive que sair para cidade, no primeiro momento meu pai não concordou pois nunca tinha saído de casa, mas como tinham mais pessoas e eram parentes então fomos pra cidade, foi muito difícil a vida lá fora tive muitas dificuldades na adaptação do lugar e a saudade da família e obstáculo maior principalmente nas disciplinas, pois na aldeia os nossos estudos era diferenciado, mas conheci pessoas de minha turma que me ajudou bastante neste percurso, conclui o ensino médio do jeito e trajes da cidade mais foi muito bom um passo a mais, voltei pra aldeia com objetivo de ficar mais pertos dos meus pais, mas o pensamento era dar continuidade nos estudos, mas na época enfrentávamos muitas dificuldades financeira meus pais não tinham salário nenhum, ninguém trabalhava em casa o nosso meio de sobrevivência era a lavoura. E logo após recebi um convite para fazer um curso na área da saúde, Técnico em Saúde Bucal (TSB), fornecido pela prefeitura e ofertado pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), com a duração de dois anos. Enfrentei também muitas dificuldades, pois era muito longe, mas minha família me ajudou bastante e nunca me deixou a desistir, e mais uma vez conclui mais uma etapa dos estudos e logo após consegui um emprego na área. Foi onde comecei a ajudar os meus pais no sustento da casa.

Durante esse período comecei a namorar um rapaz de minha aldeia, e decidimos nos casar, casei muito nova com vinte três anos, é comum nas aldeias Xakriabá, hoje tenho dois filhos lindos estou muito feliz com minha família, porque eles são a razão do meu viver, já somos casados por nove anos com a benção de Deus. O meu esposo sempre me incentivou estudar, mas eu sempre pensava em como deixar minha família para trás, foi quando em dois mil e quinze as inscrições da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foram abertas fiz a inscrição ele me ajudou muito correndo atrás da documentação foi quando aconteceu a prova consegui passar ele ficou feliz por mim mais ao mesmo tempo fiquei desanimada, pois no momento eu não estava no momento bom para estudar descobri que estava grávida fiquei muito surpresa, mais também feliz que tinha duas notícias boas.



Vim para o primeiro módulo muito apreensiva como ficar longe da família neste momento, deixei o meu filho com quatro anos de idade e estava grávida de quatro meses foi muito difícil, ficar longe de tudo e de todos foi um dos momentos que tive mais desafio na minha vida, também foi muito difícil com adaptação do lugar e do clima também encontrei muita dificuldade em disciplinas, mas quando eu pensava na realização de um sonho em ter um curso superior era muito, eu ia perder muito se desistisse e pensava comigo quantas pessoas queria ter a oportunidade que eu estava tendo. Fui remando, e quando voltei pra aldeia fui desafiada mais uma vez. Descobri que minha filha que eu estava esperando estava com problemas de saúde (Hidrocefalia). A partir deste momento eu não tinha cabeça para outra coisa a não ser procura um tratamento especial para este tipo de problema, fui acompanhada por especialistas na área e assistida pela equipe de saúde da minha aldeia até chegar o momento do parto, e pela graça de deus ela nasceu aparentemente bem, mas tivemos que ficar no hospital, porque aguardávamos a resposta do médico se realmente ela ia precisar de fazer cirurgia, mas ocorreu tudo bem.

Fiquei dois módulos longe da faculdade, mas sempre participava dos inter-módulos e procurava também desenvolver as atividades em casa para não ficar com pendências nas disciplinas e hoje dou graças a Deus e aos meus colegas que me ajudou nesse momento, e que apesar dos desafios enfrentado, estou vencendo mais uma etapa dos meus estudos e que apesar da distância da família e da aldeia, mas quero trazer um bom retorno para contribuir com esta ausência.

**Figura 2: Marlene tenho 33 anos autora deste trabalho Aldeia Itapicuru**



**Fonte: Arquivo Pessoal, 2019**

Eu, Marlene Ferreira da Silva Souza moro no território indígena Xakriabá aldeia Itapicuru, município São João das Missões Norte de Minas Gerais. Tenho 32 anos, casada e tenho 04 filhos, uma menina de 14 anos e três meninos com idades entre 09, 08 e 02 anos. Meus pais chamam Mauro Muniz da Silva e Francisca Ferreira Leite Silva. Em 1986 nos dias 09 do mês de novembro eu nasci de parto normal, por uma parteira que chamava Antônia hoje já falecida, e desde então nunca morei fora do território. Eu e meus 09 irmãos morava com meus pais numa casa simples feita de pau a pique, que era construída pelo meu pai e meus irmãos mais velhos que ajudava desde pequena eu já ajudava minha mãe a cuidar dos deveres de casa como lavar louça, varrer casa, lavar roupas, e cuidar das crianças pequena, e gostava de costurar lençóis e roupas que minha mãe fazia, porque era tempos muito difíceis não tínhamos roupas e calçados bons para usar então minha mãe pegava pedaços de tecidos, cortava e fazia lençóis que servia de cobertor também, fazia calcinha, vestido, saia, bermuda enfim as roupas para eu e meus irmãos vestir, até as roupas dos bebês que nasciam era ela que fazia, e assim ela e meu pai com muita dificuldade trabalhava para nos sustentar.

Comecei estudar com 07 anos de idade era muito longe a escola, mas meus pais não deixava faltar aula sempre incentivava a estudar pra ter um futuro melhor eu também não gostava de faltar aula, ficava triste quando não podia ir, mesmo em meio tanta dificuldade eu era feliz e me esforçava

bastante para não reprovar no final do ano pensava de quando eu crescer eu queria ser uma professora, por que eu ficava triste quando ouvia minha mãe dizer que tinha tanta vontade de saber ler e escrever.” Tenho tanta vontade de aprender, pelo menos fazer meu nome.” (Palavras da minha mãe).

Eu tinha vontade de ajudar ela, hoje graças a Deus com o projeto jovens e adultos que eu tive a honra de trabalhar 02 anos, assim minha mãe aprendeu assinar o nome. Foi uma experiência muito boa trabalhar na educação de jovens e adultos EJA porque além de passar conhecimentos a eles aprendi muito com eles também é uma troca. Trabalhei também no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) o que era muito bom trabalhar com crianças. E projeto educação integral com crianças da 1º a 4º série. Desde pequena que já gostava muito de criança foi uma ótima experiência trabalhar com essa turma.

Para conseguir concluir o ensino médio foi muito difícil, era muitas dificuldades, iniciei o 1º ano em 2009 na aldeia Brejo Mata Fome, era longe da minha mais ou menos uns 12 quilômetros e quase metade do trajeto, um dos meus irmãos ia me levar a cavalo até o ponto do ônibus, quando era do tempo de chuva ficava mais difícil porque tinha que voltar a pé até em casa, por motivo de muita lama nas estradas. Depois fiquei uns anos sem estudar, em 2013 voltei aos estudos dessa vez já na aldeia Morro Falhado na escola estadual indígena Mambuka, em 2014 foi a conclusão do 3º ano do ensino médio. Quando eu estava estudando o 3º ano recebi a proposta para fazer o vestibular do FIEI mais não aceitei por que ainda estava estudando, em 2015 fiz as inscrições e fiz a prova em 2016 e graças a Deus passei, para estudar a habilitação de Línguas, Artes e Literatura. Fiquei muito feliz porque era uma oportunidade de realizar meu sonho de ser professora e com esse curso era mais conhecimento para contribuir com meu povo. Porém fiquei muito preocupada também, por que nunca tinha estudado fora e nem ficado muitos dias longe dos meus filhos, mas coloquei fé em Deus e fui em frente. Chegando aqui me vi em um mundo totalmente diferente do que estava habituada viver, não conhecia a cidade, era movimentada, muito barulho, na faculdade no primeiro momento não entendia quase nada me deu vontade de desistir quando tinha dificuldade de acompanhar as disciplinas, e além de tudo longe da minha família, mas meus colegas sempre me dava força dizendo que ia dar tudo certo, logo então descobri que estava grávida do meu 4º filho, ai fiquei de licença maternidade, o que para nós se chama resguardo. O primeiro e segundo semestre de 2017, foram os períodos que eu estava de licença. Mesmo nesse período continuei participando dos inter-módulos nas aldeias e acompanhado as disciplinas fazendo os trabalhos que os professores me mandavam e mandando os trabalhos por e-mail ou por um colega da turma do curso.

Outro desafio encontrado foi para retornar da licença maternidade onde tive que deixar meu filho apenas com um aninho de idade, mas difícil porque eu ainda amamentava ele e só quando voltei para o módulo em Belo Horizonte foi que tive que tirar o peito dele, sentia febre durante a primeira semana devido o peito está muito cheio de leite e sem esquecer da falta que eu sentia toda hora do meu filho Joabe, mas aos poucos fui me adaptando e consegui-- passar os trinta e cinco dias longe dele nada fácil mas consegui. Não me esqueço que a primeira vez que deixei ele quando cheguei em casa ele não queria me aceitar só ia para meu colo se o pai ou a irmã dele não estivesse. Isso durou por uns dias, mas depois voltou ao normal graças a Deus. Mas das outras vezes que deixei, que ele já estava maior não repetiu isso.

Olhando e pensando nos desafios encontrados no período do curso não me arrependo de nada, pois foi desafios que contribuiu para o meu melhor, foram muitas trocas de experiências e muitos conhecimentos adquiridos ao longo do curso até o momento. Sem esquecer dos amigos que ganhei através desse curso são amizades que vou levar pelo resto da minha vida.

## **1.2 – O tema da pesquisa**

Neste trabalho descrevemos sobre o resguardo pós-parto de mulheres Xakriabá das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru, antigamente e nos dias de hoje. Antigamente essas mulheres tinham uma grande preocupação com sua própria saúde, eram orientadas por suas parteiras como cuidar de seu bebê e de seu corpo. Esse resguardo era bastante severo e observamos que ao longo dos anos esses costumes e tradições dessas mães estão se perdendo porque algumas mulheres preferem ir para os hospitais por espontânea vontade e outras por terem um parto complicado. Além disso, algumas parteiras têm orientado que as mulheres procurem médicos para fazer o planejamento, acompanhamento e realização de seu parto e tem atuado mais no acompanhamento da gravidez e no pós-parto. Mesmo que sejam mais preferência muitas mulheres ainda cumprem um bom resguardo.

Através de conversas com parteiras e representantes da área da saúde queremos saber mais sobre o pós-parto, que cuidados ter com o corpo, alimentação, relações sexuais, planejar filhos, quando pode realizar as atividades diárias. Fizemos um estudo comparativo através das entrevistas sobre como era guardado o resguardo pós parto antigamente e como ocorre nos dias atuais.

Como objetivos específicos de nosso trabalho buscamos: relatar histórias de algumas mulheres das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru sobre como era guardado o resguardo no passado e

no presente; registrar os cuidados e deveres das mães com o corpo nesse período e; identificar os remédios usados pelas mulheres no contexto do resguardo.

## **1.2 - Nosso interesse pelo tema**

O resguardo pós parto é um período em que o útero restabeleça após o nascimento de um bebê independente de ter sido um parto normal ou cesárea. Esse tema foi escolhido por nós duas, porque nossas histórias são bastante parecidas: nós já nos conhecíamos, já tivemos parto normal e cesárea e todos os nossos partos foram feitos em hospital e assim que ingressamos na faculdade logo em seguida tivemos filhos e ficamos um período de repouso nas aldeias.

A partir daí surgiu em nós o interesse de entender melhor sobre a vida das mulheres mais velhas, que tratam de uma realidade diferente de hoje. Entendemos que a vida dessas mulheres não era fácil. Antigamente elas cuidavam das crianças, roças, preparação de alimentos e tudo ao mesmo tempo até mesmo no período da gravidez, era uma época muito diferente da nossa.

Queremos entender melhor o passado e mostrar para as novas gerações, porque estamos percebendo que alguns costumes estão empobrecendo e não podemos deixar morrer.

Durante a realização desse trabalho observamos o valor de parto natural e de um resguardo bem guardado, esse conhecimento tem muita importância tradicional porque faz parte da cultura Xakriabá, porque nossas anciãs não durarão para sempre, temos que trazer este conhecimento para os jovens atuais. Esses jovens estão procurando mais os medicamentos de farmácia e não a medicina tradicional que é o que temos de riqueza em nosso redor.

Consideramos que se faz necessário que a juventude das nossas aldeias Xakriabá procure orientações com as pessoas mais velhas para que essas tradições não sejam esquecidas por essas distrações que o mundo oferece para esses jovens impedindo que conheçam sobre o resguardo pós-parto de forma tradicional. Essas práticas são muito importantes para as mulheres indígenas Xakriabá e essa pesquisa é uma das maneiras de ajudar a relembrar esse conhecimento.

Escolhemos estas mais velhas porque elas são nossas mestras, nossas raízes têm muitas sabedorias que muitos mais novos não tem o conhecimento. Sabemos que muitas mulheres ainda resistem a falar sobre alguns assuntos íntimos referente ao parto e o pós-parto, o que foi possível escrever neste trabalho nós citamos.

O tema escolhido diz respeito aos cuidados especiais que recebemos de nossas parteiras, o quantos elas cuidam e preocupam conosco mães. Decidimos nos dedicar a esse tema porque ao entrar na universidade, nós estávamos grávidas e no meio das discussões de temas interessamos em conhecer mais sobre o mesmo.

Assim como as mulheres que conversamos, nós pesquisadoras também fomos nascidas de parto normal, em casa nascemos em diferentes aldeias da reserva Xakriabá, mas com histórias semelhantes, hoje também somos mães tivemos filhos de parto normal no hospital e também parto cesárea. Nós também fomos orientadas pelas nossas mães como guardar o resguardo corretamente, porque tem os benefícios e o malefício.

Neste trabalho pesquisamos sobre como é feito o resguardo pós-parto de mulheres Xakriabá das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru a partir de entrevistas com mães, parteiras e enfermeiras dessas duas aldeias.

A seguir, apresentaremos nosso território e nossas aldeias e, em seguida, a metodologia utilizada no trabalho.

## 2 - Apresentação do território Xakriabá e das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru



**Fonte: Arquivo Edgar Nunes Correa**

O nosso povo Xakriabá está localizado na região norte de Minas Gerais no vale do Rio São Francisco, no município de São João das Missões. A Terra Indígena Xakriabá foi demarcada e homologada em 1987 após um longo processo de conflito com fazendeiros da região. Atualmente, é o povo indígena mais populoso de Minas Gerais, contabilizando, segundo o censo 2010, 9221 (nove mil duzentos e vinte e um) indígenas (BRASIL, 2013). A área indígena é de 53 mil hectares de terra, em função da extensão territorial, as aldeias possuem características bastante diversificadas. Tem região de mata seca, tabuleiro e arenoso. A aldeia Itapicuru tem como distância aproximadamente 13 km da aldeia Barreiro Preto.

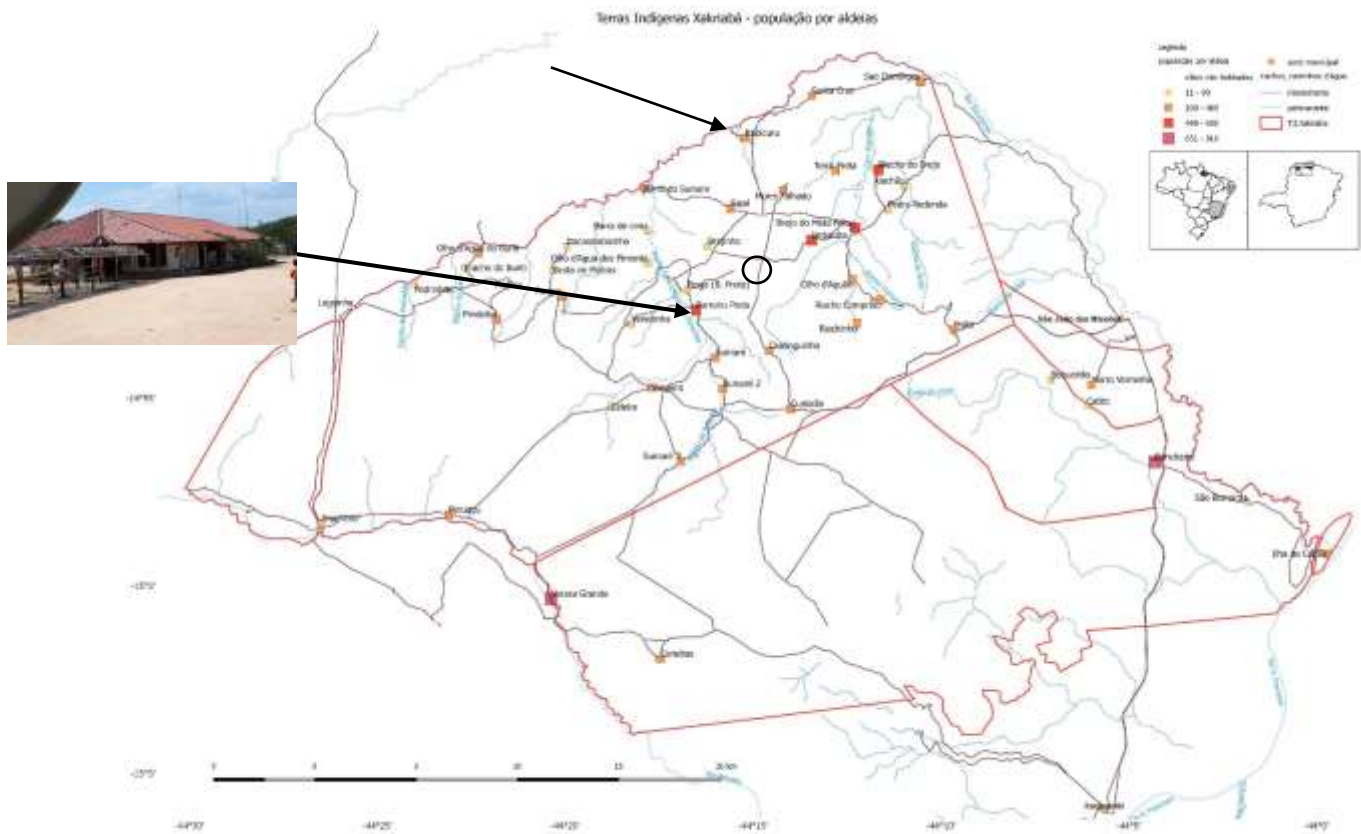
A economia Xakriabá é baseada na agricultura familiar voltada para garantir o consumo doméstico, predominando mais o plantio de milho, feijão, abóbora, batata, mandioca dentre outros. Quando a produção é boa, acontece a troca ou até mesmo a venda entre vizinhos; quando não produz suficiente os homens saem para trabalhar no corte de cana de açúcar em interior de São Paulo, ou até mesmo na apanha do café em sul de Minas Gerais. A migração masculina contribuiu para que as mulheres fossem a cada instante conquistando o espaço de destaque nas aldeias e também na sociedade, pois as necessidades obrigam os homens deixarem suas aldeias muito cedo. Eles têm uma preocupação em completar dezoito anos para sair da aldeia em busca de ajuda para seus pais no sustento da casa, e muitas das vezes deixam os estudos para exercer esses trabalhos. Já as mulheres permanecem na aldeia são responsáveis pelos cuidados das crianças e também não deixa de fazer os seus afazeres domésticos e até mesmo na roça. A luta de vida e o conhecimento das mulheres Xakriabá têm história muito importante não só para nós e sim também para as gerações futuras. Foi através destas pesquisas que percebemos o quanto era difícil a vida das mulheres em uma época em que o mundo e a vida indígena eram totalmente diferente da realidade que vivemos hoje; foi nesta experiências que tivemos o privilégio de sentar e ouvir a voz dessas mestras (parteiras e mães) quantas dificuldades elas passaram para sustentar seus filhos e apesar de tudo, elas não desistiram.

O povo Xakriabá hoje teve que adaptar as mudanças climáticas com relação aos meios de sobrevivências, porque antes só se sobrevivia na aldeia pela agricultura, mais com muitas lutas que os nossos lideranças e caciques foram em busca de formações para o nosso povo, hoje graças a Deus e a eles que temos professores indígenas e pessoas indígenas também formadas em outras áreas principalmente na área da saúde e educação, que hoje exerce essa função dentro do território, foi um grande avanço e também um meio de sobrevivência para o nosso povo.

## **2.1. Apresentação das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru**







Fonte: Arquivo Edgar Nunes Correa

As aldeias Barreiro Preto e Itapicuru tem algumas semelhanças, aldeias com histórias de lutas e depoimento bem parecidos. Vamos apresentar um pouco sobre as nossas aldeias.

A aldeia Barreiro Preto fica a aproximadamente 13 quilômetros de distância da aldeia Itapicuru, os transportes mais usados pelos moradores para transitar nos dias de hoje de uma aldeia para outra é moto, cavalo e também algumas pessoas faz o uso do carro, mas antigamente as pessoas iam muito a pé porque eram poucos que tinham cavalo e jegue.

Nossas aldeias ambas são cheias de altos e baixos ou seja muitas ladeiras. No período da seca não tem muitos problemas para as pessoas andarem para resolver as atividades do dia a dia, mas quando está no período da chuva é bem difícil o acesso, mas os moradores sempre procuram um meio de resolver suas atividades, como; trabalhar, estudar etc... Se for preciso vão a pé isso não só em nossas aldeias e sim no território em geral. Agora quando se trata de ir para cidade ou para outra

aldeia longe, acontece de o acesso a carro não ser permitido se no dia estiver muito chuvoso sendo assim o transporte mais acessível mesmo que seja perigoso é a moto ou não poder ir ao destino.

Na aldeia Barreiro Preto atualmente residem aproximadamente 212 famílias segundo dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena a população tem 691 pessoas que residem atualmente na aldeia.

A aldeia Barreiro Preto tem a escola Xukurank, que é a sede e atende a alunos dos anos iniciais até o ensino médio da aldeia e de outras três sub aldeias. Tem também uma casa alugada que funciona como posto de saúde que também atende as aldeias vizinhas. Os atendimentos feitos são consultas e outros procedimentos básicos, classificados na modalidade I. Apresenta ainda uma casa de medicina, uma cabaninha onde acontece vários eventos feitos pela comunidade e uma casa da comunidade onde acontece encontros e reuniões. Em uma parte de dentro desta casa da comunidade funciona a associação indígena Xakriabá Aldeia Barreiro Preto (AIXABIP). Na casa da medicina tradicional acontece anualmente um encontro de pessoas de várias etnias em troca de experiência, também funciona uma escala de encontro para fazer remédios e tem exposição de remédios caseiros para a venda. A aldeia Barreiro Preto é organizada de forma que não existe nenhum tipo de separação entre escola comunidade e saúde. Essa organização interna funciona para interagir a comunidade nesses ambientes e que possa ajudar um ao outro. A seguir, nas figuras 5, 6, 7 e 8 apresentamos fotografias da casa de medicina tradicional Xakriabá, casa da comunidade, Escola Estadual Indígena Xukurank e posto de saúde.

**Figura 5: Casa da Medicina Tradicional Xakriabá**



Fonte: Arquivo Pessoal 2019.

**Figura 6: Casa da comunidade**



Fonte: Arquivo Pessoal 2019

**Figura 7: Escola Estadual Indígena Xukurank**



Fonte: Arquivo Pessoal 2019

**Figura 8: Posto de saúde**



**Fonte: Arquivo Pessoal 2019**

Já aldeia Itapicuru atualmente tem aproximadamente 357 pessoas ao que se refere a 105 famílias segundo dados do Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI). A aldeia tem um posto de saúde e duas escolas, isso porque é dividida em duas, que é o Itapicuru I e II. No Itapicuru I tem a escola sede, que atende os estudantes dos anos iniciais até o ensino médio e também as escolas vinculadas a ela, que são as aldeias Sapé, Santa Cruz e São Domingos, os alunos que vem das aldeias vizinhas são os do ensino médio. E no Itapicuru II, a escola atende alunos dos anos iniciais ao nono ano. O posto de saúde atende as aldeias vizinhas sendo elas aldeia São Domingos, Santa Cruz, Sapé, Morro Falhado e Barra do Sumaré e os atendimentos realizados são consultas, exames, e procedimentos odontológicos e outros. Todas essas unidades trabalham em parceria uma com a outra, quando ver se há necessidade elas se dialogam para resolver as questões surgidas. A comunidade também tem uma associação dos grupos de roças que trabalha desenvolvendo projetos para o bem de cada um dos participantes e da comunidade em geral.

A seguir apresentamos a aldeia Itapicuru.

**Figura: 9 Escola Estadual Indígena Bukikai Aldeia Itapicuru I**



Fonte: Arquivo Pessoal 2018

**Figura: 10 Escola Estadual Indígena Bukikai Aldeia Itapicuru II**



Fonte: Arquivo Pessoal 2018.

**Figura 11: Posto Saúde Itapicuru**



**Fonte: Arquivo Pessoal 2019.**

## **2- Metodologia**

Esse trabalho foi realizado em três etapas. No primeiro momento procuramos conhecer o histórico de vida de quatro mulheres Xakriabá, através de entrevistas e conversas gravadas em áudio e fotografias, sendo duas parteiras e duas mães, que vivem nas aldeias Barreiro Preto e Itapicuru. Em seguida, entrevistamos duas enfermeiras responsáveis pelos postos de saúde das aldeias Barreiro Preto e Itapicuru. Também realizamos a busca e leitura de textos sobre parto e resguardo em povos indígenas. Como por exemplo, o trabalho de percurso “Nascer Xakriabá: Saberes e práticas tradicionais e científicas sobre o parto”, de uma ex estudante do FIEI, Maria José Alves da Cruz (CRUZ, 2018).

Neste trabalho nós procuramos entrevistar pessoas que tivessem experiência de parto, pós parto e que também tivessem a disponibilidade para nos ajudar nas pesquisa deste tema, e como nós somos de aldeias diferentes entrevistamos uma parteira, uma mãe e uma enfermeira da aldeia Itapicuru e no mesmo roteiro, as entrevistas seguiram na aldeia Barreiro Preto, e por serem de aldeias diferentes que também juntamos esses conhecimentos como um grupo de estudo para também fazer uma comparação de uma aldeia para outra.

Todas as nossas conversas foram marcadas antes, deixando bem explicado sobre o que iríamos conversar, e foram feitas na casa das mulheres. Fomos nós mesma que fomos nas casas das mulheres

entrevistadas e as entrevistas tiveram a duração de mais ou menos uma manhã, cada uma delas, o que corresponde a quatro cinco horas de descoberta e momentos inesquecíveis.

Na chegada em casa, todas as nossas conversas eram passadas para o computador e já deixando as datas das transcrições marcadas, o que não é nada fácil, mais a experiência valeu a pena. Trabalhamos primeiro com as transcrições das entrevistas das parteiras e em seguida com as das mães e depois as enfermeiras, isso para organizar o nosso trabalho, mexemos um pouco nas entrevistas, porque tinham conversas que nós não gostaríamos que fosse exposto fora da aldeia. Assim que nem a nossa orientadora teve acesso aquilo que faz parte do “segredo”.

Apresentação das entrevistadas:

**Figura 12: Dona Inês da aldeia Barreiro Preto, tem 86 anos (parteira)**



Fonte: Foto Edgar Correa (2009)

**Figura 13: Dona Maria mora aldeia Itapicuru tem 53 anos (parteira)**



Fonte: Arquivo Pessoal (2018)

**Figura 14: Dona Maria mora na aldeia Itapicuru, tem 84 anos (mãe)**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura:15 Dona Ana mora aldeia Barreiro Preto tem 66 anos (mãe)**





**Fonte: Arquivo pessoal**

### **3- Conversas com as mulheres entrevistadas**

Durante essas nossas pesquisas entendemos que ser mulher Xakriabá é espelhar em nossas mulheres mais velhas, é valorizar cultura, ser igual ter poder e ser capaz. É ser luz, ser mãe, sonhar, sorrir e lutar sempre. Temos que ser persistente apesar das dificuldades que cruzam nossos caminhos, elas sempre serão as nossas referências. Neste período de experiências que tivemos com essas guerreiras fomos além do que esperávamos ficamos emocionadas com as histórias contadas e vividas por elas apesar de serem mulheres tímidas elas nos surpreenderam em nossos objetivos, enfim foi riquíssimo conhecer essas histórias.

Foi um desafio para nós colocarmos a mão na massa para fazer a transcrição pois não tínhamos muitas habilidades com computador, e tivemos que ler outros trabalhos referentes ao tema que estávamos pesquisando.

Nesse tópico vamos apresentar os conhecimentos que obtivemos a partir das entrevistas com as mulheres que participaram dessa pesquisa. Em primeiro momento vamos mostrar as conversas com as duas parteiras, depois com as mães e, em seguida com as enfermeiras, pessoas que fizeram parte para que esse trabalho acontecesse.

#### 4.1 - Conversando com nossas guerreiras Dona Maria e Dona Inês (parteiras)

As mulheres que conversamos todas se casaram muito novas e tem uma grande quantidade de filhos, cada uma com sua história cheia de exemplo de vidas. Dona Maria tem 12 filhos 10 nasceram em casa 02 nasceram no hospital, já Dona Inês teve 10 filhos todos nasceram em casa de parto normal. Essas nossas guerreiras foram parteiras alguns anos atrás.

Dona Maria foi parteira porque ela mesma se dispôs a seguir esta profissão. Achava de suma importância fazer esse trabalho voluntário de forma que ela sentia muita vontade de ajudar também outras mulheres e até mesmo porque a sua mãe também era parteira a muito tempo e foi influenciada pela mesma, “por influência também, ai aprendi, acompanhando as mais velhas.” (Palavras de Dona Maria)

Já no caso de dona Inês, a entrada nessa profissão se deu por necessidade, como ela relata em um de suas frases:

*“Eu não fui parteira porque eu quis foi por causa da necessidade, eu estava com minha comadre que estava grávida porque o marido dela estava para as firmas fiquei para fazer companhia e cuidar dos outros 03 filhos que ela tinha, quando ela começou a sentir pedi para ir atrás da parteira, mais demorou quando ela chegou eu já tinha pegado a criança”.* (Dona Inês)

Elas foram parteiras por muito tempo as duas relatam que foram aproximadamente uns 10 a 20 anos, Dona Inês fala que foi parteira ainda solteira, mesmo sem experiência. Também elas fizeram bastante parto que nem se lembra de quantos foram muitos já se casaram construíram famílias e algumas crianças que elas pegaram<sup>1</sup> chamam elas até de mãe.

Tanta dona Maria quanto dona Inês relataram experiências de partos com complicações, como pode ser observado no relato de D. Maria que fala das complicações de partos feitos por ela:

*“Fiz um parto que o menino vinha, aí quando ele vinha uma coisa vinha na frente tipo uma bexiga, aí mandei para o médico, ele falou que realmente era a bexiga, o que podemos fazer a gente faz mais o que não podemos mandamos para o médico”.* (Dona Maria)

---

<sup>1</sup> A palavra “pegaram” se refere a parteira amparar a criança no momento do nascimento.

Percebemos a inteligência desta parteira o quanto seu conhecimento era o mesmo do médico, pois, o que ela não podia fazer ela encaminhou para que a medicina resolvesse se não fizesse isso poderia o levar a óbito da mãe ou até mesmo do bebê.

D. Inês fala de uma mulher que sentia muita dor durante a gravidez e sempre ela estava doente:

*“Fiz o parto dela com muito trabalho ela sofreu bastante, pelejei com ela tive que chamar o marido para ajudar, aí a criança nasceu morta ela ficou muito triste e eu também, mais fazer o que, acho que a criança já tinha problema por isso nasceu assim, então depois soube que ela falava para os outros que eu tinha matado a criança, fiquei muito sentida porque era uma cumade minha mais com ela era meia doida o povo não acreditou nela, e continuei fazendo o meu trabalho de ajudar as pessoas, eu tinha o privilégio de ajudar essas muié, eu sempre tive muita amizade, por isso elas confiava muito em mim. Fiz também muitos partos onde os meninos nasceram graúdos cheio de saúde, fico muito feliz quando eles vêm me dá benção fico muito orgulhosa de ter feito esses trabalhos para ajudar essas mães”.* (Dona Inês)

Estas guerreiras vivenciaram momentos tristes com muitas dificuldades, sofreram também juntos com essas mães que ajudaram, e também tiveram momentos inesquecíveis com muitas histórias lindas. Ao interrogá-las se exercem essa função? Ambas disseram que não, mais elas ainda são procuradas em caso de última hora ainda faz parto, atualmente elas orientam procura o médico.

Diante dos relatos com nossas entrevistadas elas contam que antigamente o resguardo pós - parto era muito rígido, as mulheres que ganhava seus bebês eram orientadas pela parteira, sobre os cuidados que deviam ter, a família sempre acompanhava a mãe até o momento que ela estava pronta para se cuidar sozinha. Através de relatos destas mulheres que antigamente o resguardo pós-parto era guardado entre o período de um mês a um ano isso dependia da mulher. D. Maria e D. Inês relatam:

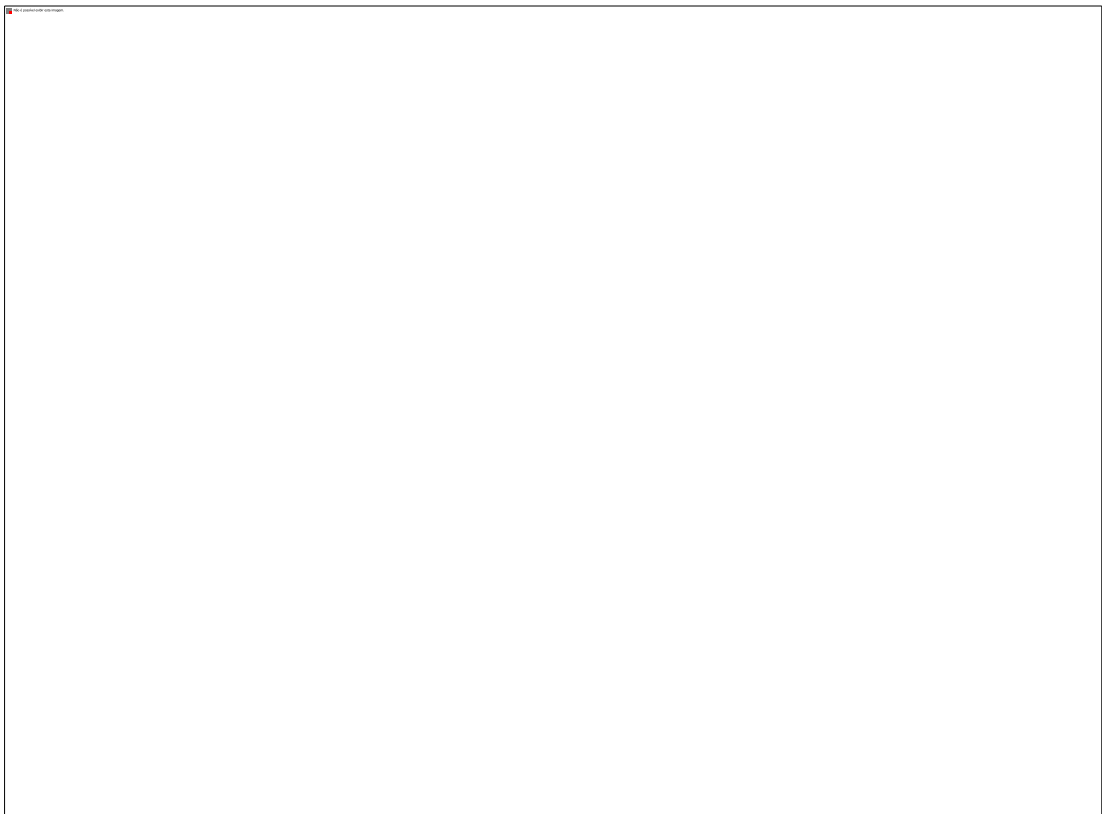
*“Era assim até os cinco dias só lavava lá... [A parte íntima] e com remédio, folha de algodão, matruz pra lavar as parte íntima e beber também, na hora do banho bebia um pouco do remédio, depois dos cinco dias tomava banho com água morna e no remédio que era alfavaca, mentrasto, vassourinha, e tomava um pouco também era assim até os quinze dias, e depois dos quinze dias podia tomar banho na água normal mesmo, só podia lavar o cabelo depois de um mês e não podia banhar no vento tinha que ser num lugar fechado pra não pegar resfriado, por que se pegasse o resfriado ficava doente sentindo dor no corpo, canseira e dor nas pernas”.* (D. Maria)

*“Ô minha filha você não fala do resguardo as mulher de antigamente era muito conservada, vixe tinha muito cuidado tomava uma encerção ficava*

*por três dias dentro do quarto e aquele cheiro ficava na pessoa que fazia aí eu batia uns três dias com aquele cheiro de tempero nas mãos, tinha vez que eu fazia a encergação e ainda lavava os panos da mulher e foi aí que boiei na fonte senti mal, era aquela remedieira para tomar para sarar, o matrúz a, cebola vixe tinha muitos outros”. (D. Inês)*

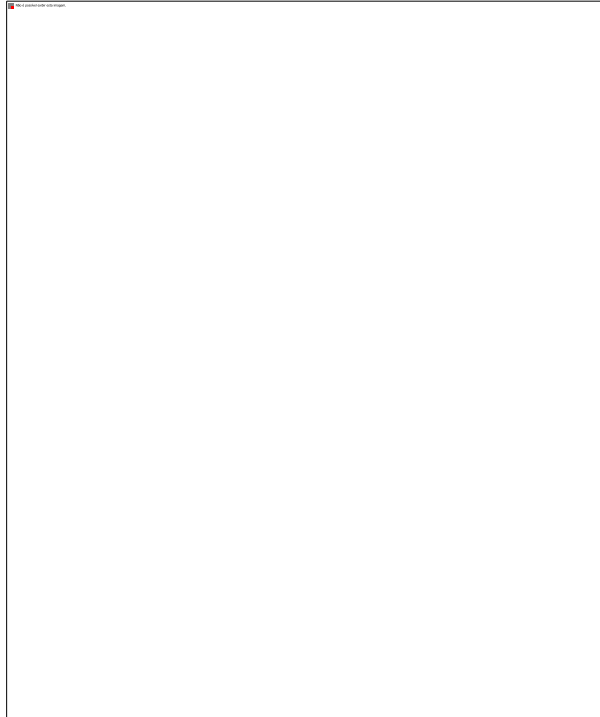
Nos dois relatos observamos duas práticas importantes realizadas pelas parteiras entrevistadas: o uso dos chás e a encergação. Os chás são usados tanto para tomar quanto para o banho e servem para desinflamar o útero, já a encergação é uma mistura de remédios feitos pelas parteiras que é usada em forma de massagem nas mãos após o parto. Existe ainda uma terceira prática chamada encerrada que também é uma mistura de remédio para se tomar em forma de chás e limpar o útero. Segue abaixo fotografias que ilustram chá tanto para tomar quanto para o banho, e também remédio que também é usado para encergação.

**Figura 16: Transsagem. Remédio usado para inflamação**



Fonte: Arquivo pessoal (2020)

**Figura 17: Matrúz (o matrúz é um dos remédios usado também para inflamação é um dos ingredientes)**



**Fonte: Arquivo Pessoal (2019)**

**Figura 18: Cebola e coentro (remédio usado para fazer o chá para criança recém nascida que está com cólica)**



**Fonte: Arquivo Pessoal 2019**

Já quase no final do trabalho surgiu em nós o interesse de acompanhar mais de perto, o parto e um pós-parto da irmã da Marlene que estava grávida, no intuito de registrar o passo a passo, através

de fotos e anotações, de como preparar a encerrada, que para nós é um remédio muito importante para a recuperação da saúde uterina da mulher após o nascimento de um filho.

Quem falou sobre a encerrada foi a mãe da Marlene, dona Francisca Ferreira Leite Silva, 59 anos, da Aldeia Itapicuru, mãe de 10 filhos vivos, todos nascidos de parto normal. Consideramos que esse novo relato, que apresentamos a seguir, contribuiu para enriquecer o nosso trabalho.

O parto da irmã de Marlene estava previsto pelo médico que seria normal, isso também era o desejo da grávida. Mas, ela estava aguardando em casa para sentir as dores do parto normal e vendo que já estava completando 41 semanas e 03 dias, e não sentindo nenhuma contração foi orientada pela equipe de saúde que procurasse o hospital. Ela, acompanhada por Marlene foram ao hospital da cidade de Manga, Fundação Hospitalar de Amparo ao Homem do Campo (FHAHC). Chegando lá a gestante ficou em observação e aguardando uma vaga para Montes Claros, para se fosse preciso fazer uma cesariana. No dia seguinte, isso já com 41 semanas e 04 dias, conseguiu a vaga no Hospital Universitário (HU) de Montes Claros, e a caminho ela começou a sentir as dores de parto. Quando chegou no hospital, após a avaliação a médica, este relatou que não seria possível fazer o parto normal porque o líquido da placenta estava pouco e a criança poderia sofrer caso fizesse parto normal. Então fez a cesariana e ocorreu tudo bem. Após 48 horas, mãe e filho receberam alta e voltaram para casa. *“Chegando em casa nossa mãe estava nos esperando com um delicioso pirão de frango caipira, e a encerrada” (Relato de Marlene)*. Abaixo mostraremos as fotos e a descrição de como fazer a encerrada.

Os ingredientes da encerrada são: água, cebola branca, coentro, alho, chifre de boi, cinza e sal. Como preparar: coloca o chifre no fogo para assar e raspa o pó, machuca a cebola o alho e o coentro, coloca todos ingredientes em uma xícara grande e acrescenta água fervente, coloca a cinza e o sal e mexe bem até misturar todos os ingredientes.

Dona Francisca fala que a encerrada é um santo remédio, muito bom para a mulher concertar a mãe do corpo (útero), quando ganha um filho, e serve para mulheres que não ganharam bebê também, e ela ressalta que está fazendo é para nós aprender para quando ela não estiver mais aqui, nós já saber fazer para outras mulheres também. Ela conta que antigamente quando ela ganhava neném a encerrada era o primeiro remédio que a sogra dela dava à ela, e que hoje as coisas mudaram, as mulheres ganham neném no hospital e não estão fazendo mais esse remédio. Ela relata um passo muito importante sobre a encerrada, é que quem tomar o remédio que não estiver de resguardo, tem que tomar a noite porque o remédio é fino por conta do alho e o chifre. Agora a mulher de resguardo pode tomar qualquer hora porque ela já fica dentro do quarto não corre nenhum risco.

*“Desse remédio aqui até eu vô beber a encerrada é muito bom pra muié, bom pra concertar a mãe do corpo, quando nós ganha bebê nós fica toda*

*inframada por dento e esse remédio aqui é um santo remédio, eu tô fazeno aqui mais vocêis tem que aprender porque um dia eu posso não está e voceis pode fazê e tomar que é bom demais, antigamente quando eu ganhava meus mininos em casa, era minha sogra que pegava o primero remédio que tomava era esse, hoje ascoisa mudô tudo ganha é lá pro hospital. E esse remédio aqui quem toma é só a muié de resguardo a fica la dento, se nós argum tempo, nós sentir argum probrema no útero, e nós quiser tomar, tem que procurar a noite pra nós tomar proque ele é muito fino, agora a muié de resguardo não ela pode tomar qualquer hora proque ela fica 3 dias dento do quarto não corre risco de entortar, agora nós não o aiô é muito fino o chifre é fino, agora a cebola não é fino”. (Palavras de dona Francisca)*

Com esse depoimento percebemos o quanto importante é a encerrada pra nós mulheres em geral, o que percebemos é que não só a mulher de resguardo que pode tomar, essa informação para nós foi muito rica porque agora já podemos contar com esse valioso remédio para tomarmos se precisarmos, além de poder ajudar outras mulheres passando essa informação adiante. Para nós foi uma informação que se nós não aprofundássemos mais um pouco na encerrada iríamos ficar sem saber, porque até então achávamos que era só para as mulheres de resguardo.

**Figura 19. PIRÃO (comida típica para puérpera)**



Fonte: Arquivo Pessoal 2020

**Figura 20: Dona Francisca preparando a encerrada**







**Fonte: Arquivo Pessoal (2020)**

A grande importância dessas mulheres é que mesmo morando em aldeia diferentes elas são bibliotecas vivas em conhecimentos, são pessoas simples que amam a vida, mesmo com pequenas diferenças de resguardo que também isso dependem do lugar onde residem nós percebemos que elas tinham uma missão de contribuir com os conhecimentos que eram passados de geração para gerações. Atualmente elas incentivam ir para hospital devido as complicações na gravidez de muitas mulheres.

Conversando com nossas parteiras sobre o resguardo pós-parto elas falam de um momento muito delicado, que as mães passam, também perguntamos se teve alguma mudança no resguardo antigamente e nos dias de hoje? D. Maria e D. Inês contam que sim.

*“Teve muita mudança sim, porque de uns tempos pra cá mudou tudo mulherada ta tendo isso mais depois que ganha menino é a mesma coisa de não ganhar, só que é ruim elas agem do mesmo jeito de um macho, não marra nada na cabeça, não coloca nada no ouvido, por isso que dá dor de cabeça, não marra nem um pano na barriga até anda descalço por isso pega resfriado”. (D Maria).*

*“O resguardo mudou muito, era muito mais guardado tinha as dietas o que não podia comer era maxixe, feijão carioca, carne de porco cunhada etc. ... Naquele tempo se não fizesse o resguardo direito a mulher ficava ruim do juízo, tinha muita complicação, a gente sempre falava com elas se cuida minhas filhas do corpo enquanto é cedo, por isso eu vejo o que as mulheres de hoje não escutam a gente mais elas sabem que vai colher mais tarde o que está plantando. Mais hoje a gente chega para visitar a mulher ela já está toda*

*espreguiçada e toda exibida, como se tivesse boazinha, e aí quando chega a idade é que o male aparece e fica sentindo os incômodo”.* (Doenças) (D. Inês)

Neste contexto de entrevista que fizemos, elas relatam que houve muitas mudanças no resguardo, pois antigamente as mulheres só se dedicavam a cuidar do bebê e de seu corpo nesse período, também observamos a preocupação dessas parteiras com essas mães, como temos que cuidar o do corpo, elas orientam a fazer um resguardo bem guardado para prevenirmos as doenças relacionadas o pós-parto. As nossas sabias, ficam abismadas com o comportamento das mulheres de hoje que não cumprem o resguardo devido os tempos certos, relatam também que isso traz muitos problemas de saúde mais tarde. Sabemos que nossa parteira tem um papel muito importante para nós indígenas mais jovens, pois conversando com elas descobrimos o quanto hoje ficamos doentes porque não seguimos corretamente as orientações delas são tantos problemas de saúde que hoje as mães jovens tem, que pela idade eram para estar bem, mas muitas vezes a gente não escuta os conselhos das mais velhas e acaba doente por não cumprir o resguardo no tempo certo. Dona Maria com suas palavras fala das muitas mulheres que não fazem uso de remédios naturais para limpeza do útero além disso não guardam o resguardo a maneira que deveriam por isso adoecem depois de uma certa idade. Relata que hoje tem muitos casos de mulheres novas que diagnosticam com câncer no útero e o motivo disso em muitos casos é a falta de consciência que muitas delas não tem desde o período menstrual, pois ela fala que o período da menstruação é uma fase também que deve ser guardado alguns hábitos, não pode fazer como nas alimentações e outros modos.

*“Minhas filhas quando ganha menino eu que cuido delas, quando chega do hospital já vem direto aqui pra casa, fica aqui comigo uns quinze dias depois elas vai pra casa delas, aí eu fico indo lá todo dia vê como elas está, aqui elas guarda o resguardo direitinho do jeito que eu ensino agora, não sei quando elas vão embora se guarda direito aqui em casa não deixo fazer nada que não pode, porque se não fica as consequência tudo que planta no resguardo depois colhe, porque tem mulher aí com útero doente? É porque não guardou o resguardo direito tem muitas que dá até câncer, quem bem souber que guarde o resguardo direitinho pra depois não ficar dando infecção no útero” ...* (D. Maria)

Dona Maria relata a preocupação que tem com as filhas dela, se elas fazem coisa que não deve durante o período do resguardo é fora do conhecimento de sua mãe, essa preocupação de dona Maria no nosso ponto de vista é de grande importância por que uma vez que ela ensina suas filhas como deve ser guardado o resguardo já é outra fonte de conhecimento plantado nas novas gerações porque através dos conhecimentos que as filhas dela aprendem já pode estar ajudando outras mulheres mais novas passando para outras mães o que aprendeu com a sua mãe - o que é prejudicial para a

saúde da mulher caso não guarde o resguardo corretamente. Conversamos com elas se ter parto no hospital interfere no resguardo da mulher, elas dizem que de certa maneira é interferido porque lá no hospital não recebe orientações de como guardar o resguardo, bem diferente de quando tem o parto em casa, com parteiras as mães são bem orientadas.

*“ Eu acho que interfere, porque lá não fala nada de como guardar o resguardo, tem muitos que fala que lá é bom porque estar no conforto, mas lá eles deixam a gente sozinha, fica jogada não olha direito fica largada lá, as mulheres sofrem coitadinhas, tem coisa que não pode comer e eles dão quando eu ganhei meus meninos lá eles me deram até abóbora para comer, mas eu não comi, só que tem muitas que come essas novatas não tem juízo ai vai e come eles fala que pode até lavar o cabelo lá no hospital, e aqui debaixo das mãos de deus e com a ajuda dos remédios e da parteira é melhor aqui um olha, outro olha e fica tudo bem”. (D. Maria)*

As mulheres que entrevistamos tem um passado histórico que vale a pena buscar e repassar para as novas gerações. Neste relato de dona Maria ela dá uma alerta muito importante que neste período do resguardo é muito delicado onde a mulher passa por um momento de sensibilidade que muitas vezes se não cumprir esse período certo pode custar muito caro mais tarde até mesmo os hábitos alimentar deve ser reparado, nesta orientação elas falam das jovens hoje que muitas vezes não seguem este resguardo e também não escutam orientações, e que mesmo com muitas mudanças elas não deixa de orientar estas puérperas. Que cuidados devem ter com o bebê depois do parto e quais alimentações as mães devem comer?

*“Assim que nascer dá uma colherzinha de azeite de mamona para limpar o estambo um chazinho de alecrim, cozinhar uns remédios fresco para dar a criança, no imbigo a gente custuma passar o mesmo azeite ou óleo de amêndoa ali até cair e depois a gente prepara o caroço de imbu coloca para secar depois torra coloca no imbigo para sarar mais rápido e a alimentação que a gente recomenda é o cuscuz e canjica... Esses alimento ai ajuda a render o leite da mãe, mais no hospital eles não tem disso, dá qualquer coisa para a mulher comer. Também damos conselhos par dar só o peito, e outro leite só se mãe não puder mesmo dá de mamar naqueles dias, o leite da mãe deixa o nenê mais forte e graúdo. E também tem que tomar muita água”. (Dona Maria e Dona Inês).*

Segundo o livro *Nem tudo que se vê fala* (2013), *A criança na hora que nasce precisa tomar uma colher de azeite de mamona para limpar o intestino. Com isso vai ser difícil ela ter bronquite, asma e outras doenças de respiração ou de estomago.” (ARAUJO; ARAUJO; GONÇALVES;2013 p 60)*

Esses costumes que as parteiras citam acima, desde das mais velhas que elas seguiam, e todo o momento elas fazem questão de repassar todo conhecimento para as jovens, mesmo que não tem leitura elas não são consideradas analfabetas, elas possuem um rico conhecimento vivenciado durante

a sua vidas, elas falam de alguns cuidados que a mãe deve ter com a criança desde a gravidez até o nascer e também como é rico as ciências e a fé usadas por elas para que todos esses trabalhos fossem dando certo, até o momento do nascer de uma nova vida (bebê). Em outros momentos de conversa para conseguir mais conhecimentos, elas falam de como faziam para avisar as vizinhanças que a crianças tinha nascido, o pai da criança soltava fogos em forma de aviso e que estava tudo bem, e isso era uma forma tradicional dos Xakriabá, e que hoje essa cultura está adormecida de acordo os tempos foram mudando. Como relata também o livro de Anide Araújo (2013), *“Quando nasce a criança, solta fogo, dá pinga para os visitantes que forem ver a criança. O fogo é avisa a aldeia que chegou mais uma pessoa. Coloca arruda na pinga e dá para os visitantes”*.

Durante as entrevistas e conversas que tivemos com a parteira e a mãe fiquei muito emocionada, com as histórias de vidas que elas passaram, tanto em período de gestação quanto em outros momentos, elas falam com aquele olhar que nunca vou esquecer, de uma vida sofrida em tempos difíceis, e nenhum momento eu vi nesse olhar algo que demonstrasse algum arrependimento por ter ajudado alguém, e sim muito orgulho, tive e sempre vou ter essas mulheres como pessoas mais importante em minha vida não só pelas histórias mas também pela pessoa que elas são e que vivenciou muita coisa e nunca desistiu que elas são considerada as nossas vitoriosas guerreiras sempre, tem um passado que vale a pena buscar e repassar para as novas gerações. E temos o dever de contribuir para que não fique somente no passado. Tenho a certeza que fiz uma boa escolha ter escolhido este tema e contado com elas para que este trabalho fosse construído. (Izabel)

#### **4.2 - Conversando com as mães: exemplos de vida que teceram as histórias dessas mulheres**

A história de vida das mulheres Xakriabá é muito ampla. Escolhemos essas mães com quem nós mais identificamos. Sabemos que estas mulheres têm as histórias bem parecida cheia de lutas e conquistas, porque são de um tempo que enfrentava muitas dificuldades para sobreviver, juntos com toda família, mais que mesmo nas dificuldades elas procuraram sempre sair delas em busca de dias melhores. Essas mães que pesquisamos todas tem uma boa quantidade de filhos não tão diferente de outras mulheres da época, foram mães tão novas e hoje são senhoras com a idade bem avançada D. Ana tem 67 anos de idade, mora na aldeia Barreiro preto, tem onze filhos e D. Maria tem 87 anos, mora na aldeia Itapicuru teve nove filhos, cinco vivos. Os filhos que a senhora teve foram de parto em casa?

*“Tive dez em casa e uma que foi a última foi no hospital, e graças a Deus todos foi parto normal, mais não achei muita vantagem não, cheguei lá no hospital*

*eles me colocaram numa sala deixou eu lá sozinha eu também não ti levado ninguém pra ficar mais eu, ficou eu e deus até Deus ajudou que deu certo quando eles chegaram eu já tinha acabado de ganhar a menina foi ai que eles fizer o restante do trabaio que era limpar a nenê, já em casa não, vixe mãe ou cumade Rosa que me acompanhava tinha aquele cuidado toda hora tava perguntando se precisava de alguma coisa e sempre no quarto conversano com a gente animano”. (D. Ana)*

*“Os meus foi tudo em casa naquele tempo ninguém saia quase não, pois não tinha de que ir pra cidade nem estrada tinha, as vezes quando precisava sair tinha que arrumar uns homens para carregar de rede até chegar num ponto aquelas Toyota dura ou trator mermo pudesse passa, mais o nosso pai do céu nos protegia minha fia”. (D. Maria)*

Nessas nossas conversas que tivemos, pudemos observar com estas mães a coragem e o orgulho delas em ter um parto em casa, veja as dificuldades que era se caso tivesse alguma complicação na gravidez, como por exemplo o transporte, em primeiro momento era com uma rede e até um ponto onde o carro estivesse, nós vimos o quanto elas colocavam a fé em Deus para que tudo desse certo. Percebemos também que mesmo em hospitais algumas mulheres também não são bem atendidas, ainda tem muitas faltas cometida pelos profissionais, e elas preferiam que os partos fossem em casa, até mesmo por causa da assistência.

Segundo as mães que conversamos elas falam de suas próprias mães e parteiras que cuidavam delas naquele período de gestação até o pós parto, eram pessoas que orientavam como se cuidar de seu próprio corpo e também da criança os remédios que eram usados.

*“Sempre foi mãe que ficou mais eu, ela também era parteira ela vinha aqui par casa quando já tava perto de ganhar mais ou menos uma semana antes e depois que ganhava também ela ainda ficava uns dias até eu pegar um quilibri pra fazer as coisas, mãe sempre cozinhava muito remédio pra mim beber, fazia uns remédios finos pra usar nos primeiros dias fazia assim uma encergação com tudo quanto era remédio bom pra desinfamar a barriga, a gente ficava com a barrigona arfada, aí mãe passava esses remédio enrolava um pano a gente só banhava depois de três dia depois que eu ganhava nenê ela dizia que era pra mim não sentir nada depois, e também tinha uns chá que dava pra criança tomar pra ficar mais forte saudável, também fazia uns cozimento pra o banho da criança era o mentrasso, vixe fica um cheiro bom, já quando eu fui ganhar nenê na cidade primeiro fiquei na casa de minha irmã e quando comecei a sentir ela chamou a ambulância eu fui, mais ela não pode ir na hora, e cabeí indo só, lá também eu ganhei sozinha, mais correu tudo bem. Era tudo diferente de nosso costume, não gostei muito”. (Dona Ana)*

*“Antigamente era a parteira que cuidava, a mãe ficava uns quinze dias, homi não sabia de nada, era sempre as muié que cuidava, conheci a metade das muié vea que era remedieira aqui, quando tinha muié que tinha ganhado menino era só chegar e falar tá sentindo isso, que elas já preparava a manjerona o sumo de algodão fazia aquele unguento e dava para a muié*

*beber, e pessoa que era bem procurada aqui era a vea Ercina, ela era uma muié que entendia bastante sobre remédio e também uma boa parteira, E sempre que ela fazia uma visita para uma parida ela levava os remédios temperava a arruda colocava na pinga pra quando arguem Vince em casa a gente dava, tinha também os remédios também que banhava o menino era a bassorinha as vezes também o hortelã até pro nenê beber também servia era muita coisa que usava naquele tempo minha fia, hoje não quem ta cuidando das muié é até os homi, tem tamem remédio que era pro menino que tivesse com quebrante era a flor de fedegoso, são caetchano tinha mais... tinha que levar para benzer, tudo isso a gente fazia quando ganhava nenê, essas muié de hoje não toma chá nem dá a criança não acho graça nessas menina de hoje anda um povo sem graça só vive queixando, não guarda resguardo passa uns dois dias já anda pendurada em moto, elas quando arruma um buxo nem tem juízo direito, quando ganha menino já vai pra debaixo da agua, elas mesmo que bota doença no corpo. Hoje também elas já vão direto pro hospital e lá eles são os primeiros a falar que pode tudo e quando chega aqui nem escuta a gente. Só que também a coisa mudou muito, não chove mais com antes, os remédios ficaram difícil, morreu quase tudo, hoje pra arrumar algum remédio só se for ne horta, mais nem é todo mundo que planta, vixe de primeiro a gente tinha remedio em tudu quanto é lugar, as coisa mudo junto com povo é minha fia”. (Dona Maria)*

A importância que estas mulheres dão para um resguardo bem guardado e ainda falam das gerações presente que não importa de cuidar de seu próprio corpo e muito menos estão preocupadas com seu futuro as consequência pode trazer um resguardo quebrado, também do tipo de alimentação que era usada no período do resguardo que influenciava também em uma boa recuperação e também ajudava a render o leite. Alguns tipos de comidas que foram citadas por elas que consomem dentro dos sete dias no pós parto é o pirão de galinha caipira ou até mesmo de carne de boi que seja a mais fresca possível e fígado, e para ajudar a render o leite é o cuscuz de milho, canjica, canja entre outros depois já vai adaptando a comida normal. O tempo em que tivemos com nossas mães elas passam sempre um recado com aquele sentimento que algumas mulheres de hoje não estão mais ouvindo os seus conselhos, elas preocupam como as mulheres de hoje, porque no tempo que elas ficavam gestante tinham todo cuidado e obediências com as mais velhas parteira ou mães mesmo, mães que se entregam de corpo e alma para cuidar de seus filhos sem medir esforços. E desde quando surgiu o nosso interesse pelo tema nós decidimos pesquisar em outros trabalhos de pesquisas novas experiências de mulheres mais velhas que enriquecesse o nosso trabalho como por exemplo; Nascer Xakriabá: de acordo com ALVES (2018).

*“As parteiras têm muito cuidado em preparar as comidas das mães, depois do parto não pode se alimentar como antes, em pelo menos um mês. Almoçar e jantar mais cedo, a noite só pode comer pirão ou macarrão, isso é alguns dos cuidados recomendados por elas. As galinhas tem ser mansa não pode comer galinha de certas qualidades, por exemplo, a galinha que tem pescoço*

*pelado é muito remosa para saúde da mulher de resguardo. Quando comemos coisa que não pode no resguardo ficamos doente por toda vida e depois não sabemos por que foi, geralmente as doenças que ataca são dor de cabeça, depressão, entre outros problemas de saúde”. (ALVES, 2018, p.28- 29)*

E quanto tempo durava o resguardo? Vocês tiveram alguns problemas de saúde por não guardar o resguardo corretamente?

*“De primeiro a gente guardava o resguardo por mais tempo, a gente só saia do quarto por alguma precisão mesmo, mais eram com três dias, saia com o nenê para dar banho, ficar no sol um pouquinho, para lavar o cabelo era seis meses. Eu mesma sinto só algumas dores de cabeça de vez enquanto mais não sei se foi por causa do resguardo não, acho que é o desconforto da idade mesmo. No hospital achei muito diferente quando fui comer lá eles me deram uma sopa de abobora, coisa que mãe nunca deixou eu comer quando tava de resguardo, ela dizia que secava o leite, achei muito estranho mais eu tava com muita fome, comi assim mermo, aqui a mãe da gente já ficava de olho que tinha coisa mermo não podia de jeito nenhum era feijoa, maxixe vixe ada de rama”. (D. Ana)*

*“Bom eu guardava uns dois meses, pra trabalhar mais os serviço de casa eu começava mais cedo porque nem sempre a gente acha alguém pra ficar com a gente, só minha mãe que ficou uns quinze dias e depois ela teve que cuidar das coisas dela também, mais eu já tava bem boa. Teve uma vez que eu trabaiei no tempo que tava de dieta, mais me pego uma dô na escadeira que até hoje sinto que foi porque não fiquei de resguardo no tempo certo, e dor de cabeça também eu sempre senti, aqueles tempos a gente tinha que preparar o que comer pra os outros filhos que também era pequeno. Minha fia não era qualquer coisa que a gente comia não naqueles dias fino menina tinha coisa que nem podia falar, carne de caça mermo ave Maria enquanto tivesse dano de mamar não podia comer era remoso carne de cuiúda”. (D. Maria)*

Durante as conversas que tivemos com estas mães mais velhas da aldeia, observamos o respeito entre família era algo que vinha de berço, mesmo em um tempo em que tudo era difícil, o respeito era fundamental entre pais e filhos. Nesses relato que estas mães falam como elas eram orientadas por suas mães o que podia comer ou não no período do resguardo elas ficam admiradas quando vê as mães de hoje fazer tudo ao contrário todas as falas delas é de comparação e admiração de pessoas que praticamente nem tem juízo para colocar uma criança no mundo e muito menos para cuidar da criança de si mesma. Esse conhecimento tem uma importância tradicional porque fazia parte da cultura e hoje estão se perdendo, hoje estamos focados nos medicamentos genérico (alopáticos) e esquecendo dos remédios caseiro que antes eram muito usados pelo nosso povo tudo natural, desde o parto, pós parto e alimentação, isso sim fazia muito para ter uma boa saúde. Essas mães o tempo todo manifesta o grande respeito e admiração pelas parteira e mães mais velhas, pelo trabalho que elas fizeram se nas conversas após as entrevistas, dona Ana fala que não era qualquer

uma que tinha a disponibilidade e dom para ser uma parteira, até mesmo porque qualquer hora que chamasse elas estavam sempre disponíveis para ajudar, mesmo de baixo de chuva, enchente e distância elas não media esforço.

*“Eu agradeço primeiramente a Deus e elas por ter me ajudado tive dez filhos em casa, não foi nada faço mais com a fé que tenho, eu tô viva e meus filhos tudo vivo e cheia de neto.” (Dona Ana)*

*“Vix minha fia quando as muié ganhava menino, que terminava de labutar aí a gente chamava o pai sabe, ele vinha todo contente ficava ali assuntando quando tivesse tudo certo ele saia pra fora sortava um fogo, era pra avisar que a muié tinha ganhado nenê e que tava tudo bem, aqui de primeiro era assim uma forma de avisar daí por diante assim no outro dia o povo começava a visitar a muié que ganhava o menino, e sempre tinha que ter uma pinga com arruda temperada, quem tomava, tomava quem não tomava a gente fazia um suco uma outra coisa.” (Dona Ana)*

Diante de todos costumes que as nossas mulheres falaram observamos o quanto o povo antigamente tinha seus costumes e era passado de geração em geração, era muito importante essa forma de comunicação e até hoje algumas pessoas ainda usam esses conhecimentos.

Observando relatos do trabalho de conclusão de curso de Anide Araújo, Ducilene Araújo e Vanilde Gonçalves (Xacriabás) (2013), observamos que há muitas semelhanças entre o que foi dito pelas mulheres que elas entrevistaram com o que foi dito pelas mulheres que nós entrevistamos. As mulheres que elas entrevistaram são de aldeias diferentes, os relatos são de como era antigamente e hoje em dia está se perdendo esses costumes. Citaremos aqui um trecho do trabalho delas que para nós é de muita importância e que vai acrescentar conhecimento para o nosso trabalho

*“A mulher não pode caminhar ligeiro, nem sentar de qualquer jeito. Por exemplo, não pode sentar de cócoras, não pode sentar no chão com as pernas cruzadas. Quando sentar no chão, tem que ser com as pernas unidas, para o mesmo lado. Não pode comer cabeça de nada de animal”. (ARAÚJO; GONÇALVES; 2013; P 60)*

E com todos estes saberes tradicionais dessas mulheres e que o nosso trabalho sirva como orientações, conscientização e valorização para as jovens, e que não deixe apagar estas memórias vivas em nosso meio.



### 4.3 - Conversando com as enfermeiras

O interesse de entrevistar as enfermeiras surgiu porque, nós queríamos entender melhor quais orientações da medicina são passadas para as gestantes e a partir dessas conversas com elas fazemos uma análise comparativa em relação aos cuidados tradicionais de nossas parteiras, mesmo que hoje elas não estão exercendo a função de fazer partos, mas elas ainda continuam orientando as mulheres durante o período da gestação e resguardo

**Figura 19: Enfermeira Pamela Beatriz**



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

**Figura 20: Enfermeira Iara Daiane**



Fonte: Arquivo Pessoal (2019)

As duas enfermeiras com as quais conversamos são novas de idade. Uma delas tem pouco tempo que atua na área e a outra tem um pouco mais de tempo de atuação, mas, ambas afirmam gostar muito do que fazem.

*“Meu nome é Iara Daiane de Oliveira tenho 31 anos, e trabalho aqui há nove anos. Assim eu me identifico muito né, e assim trabalhar com a comunidade indígena é um diferencial né, porque assim, são realidades completamente*

*diferentes do que a gente estudou na faculdade, são costumes e tradições completamente diferentes e assim me tornou uma profissional bem melhor, por que é uma troca de experiência”. (Enfermeira da aldeia Itapicuru).*

*“Meu nome é Pâmela Beatriz Bezerra de Souza tenho 27 anos, sou enfermeira a oito meses, a minha primeira experiência como enfermeira foi aqui na aldeia Barreiro, mas antes eu tive outra experiência em um hospital FUNDAJAM<sup>2</sup> como estagiária, hoje exercendo essa função que tenho certeza que é isto mesmo que eu sempre queria, gosto muito do faço e a cada dia é uma experiência nova.” (Enfermeira da aldeia Barreiro Preto).*

Ficamos admiradas de conhecer mais um pouco sobre a vida profissional das enfermeiras, e o melhor foi saber que mesmo sendo culturas diferentes elas gostam de prestar serviço para nossas mulheres. E perguntamo-las quantos partos foram feitos nos últimos cinco anos? Iara soma que em 2014 foram 25 partos, 2015 foram 27, 2016 em 31, 2017 foram 30, em 2018 mais 29, em 2019 até o momento da entrevista foram 12 partos, que totaliza 154 partos nos últimos cinco anos. Esses dados são referentes as seis aldeias que a unidade de saúde atende, sendo elas São Domingos, Santa Cruz, Morro Falhado, Sapé, Barra do Sumaré e Itapicuru

*“Apesar de ser uma profissional nova na aldeia, mas tenho dados de mais ou menos duas gestantes por mês, dentro dos cinco anos calcula aí aproximadamente 120 partos nesse período” - Dados das aldeias Brejinho, Veredinha, olhos d’água e Barreiro Preto que são atendidas por esse polo. (Enfermeira do Pâmela Beatriz Polo barreiro Preto).*

Com base nesses números percebemos que as mulheres ainda têm muitos filhos, em quantidade bem menor que antigamente, mas ainda elas estão gerando futuros guerreirinhos para a população Xakriabá. Porque só em 10 aldeias calculam-se aproximadamente 274 indígenas guerreiros nasceram nos últimos cinco anos. Perguntamos para as enfermeiras se durante elas exercem a função esteve em algum parto que foi feito em casa. Elas responderam que não, mas explicou que já aconteceu no trajeto da casa da paciente até o posto de saúde.

*“Assim em casa a gente nunca teve, a gente já teve no trajeto né, da aldeia para o posto de saúde já tivemos dois partos na estrada, e aqui na unidade de saúde também já tivemos dois partos”. (Enfermeira do Iara Daiane pólo Itapicuru).*

*“No período que estou exercendo essa função na aldeia não, não tenho conhecimento, geralmente a gente encaminha essas paciente para a casa de apoio em Montes Claros em caso de alguma complicação, lá elas são recebidas por profissionais da CASAI (Casa de Apoio à Saúde Indígena) e terá seu atendimento devido as indicações, faz todos exames e consultas necessárias,*

---

<sup>2</sup> Fundação de assistência social de Janaúba.

*de lá eles encaminham para o hospital com retorno para aldeia quando tudo estiver bem”.* (Enfermeira Pâmela Beatriz Pólo Barreiro Preto).

Nesse caso as equipes de saúde contribuem muito com as nossas mulheres hoje, uma vez que nossas parteiras não estão atuando como antigamente para ajudar em um período tão delicado da mulher onde ela deve ter todo um cuidado necessário para ter um parto o mais tranquilo possível. Elas também tem o grupo das gestantes, que são articuladas palestras todos os meses para conversar tirar as dúvidas e preparar essas mães para receber seus bebês com as orientações devidas. Mas as parteiras não deixam de acompanhar mas de perto e dar conselhos as mulheres que são da família ou pessoas mais próximas a ter um resguardo saudável.

*” A gente tem o grupo de gestante que todo mês, a gente faz reuniões com elas. Então todas as reuniões a gente trabalha um tema, e aí geralmente depende da própria vontade da mulher são rodas de conversa aberta, e aí geralmente a gente fala sobre aleitamento materno, sobre as complicações, na gestação né, são vários temas que a gente aborda né”.* (Enfermeira Iara Daiane Polo Itapicuru).

*“Sim, sempre oriento a fazer o pré-natal, sobre a importância de realizar todas as consultas, a importância do ácido fólico e sulfato ferroso e amamentação no pós-parto.”* (Enfermeira Pâmela Beatriz do polo barreiro preto).

Conversando com Iara Daiane e Pâmela Beatriz elas afirmaram que tem as orientações para as gestantes, mas, porém isso depende do interesse das mesmas em participar e seguir os conselhos fornecidos por elas, isso é o posicionamento da Iara Daiane, e perguntamos também quais são as orientações que elas dão sobre o parto, se orienta as mulheres terem partos em casa ou no hospital?

*“Então, eu recomendo o parto normal até porque, hoje aqui no território não tem mais parteiras igual antes né, porque antigamente as parteiras realizavam os partos e não têm mais, as parteiras que tem aqui já são muito de idade, tem umas até mesmo com idade mais de 60 anos e elas não tem mais disposição para fazer, então a gente orienta sobre o parto normal né, e o parto hospitalar”.* (Enfermeira Iara Daiane polo Itapicuru)

*“Geralmente as nossas gestantes são encaminhada para um hospital de referência, mas tem algumas são bem resistentes, mais no período que estou aqui dentro da aldeia, elas procuram o carro ou a gente aqui para ser encaminhada para o hospital mesmo. Nós temos abraçado essa proposta de ir para o hospital mesmo. E hoje também algumas mulheres nos procuram para informar sobre o parto cesariano, porque muitas vezes tem medo, mas se a gestação for tranquila a nossa orientação é que essa mãe faça o parto normal, porque é um parto mais tranquilo tanto na hora do parto quanto na recuperação do pós-parto”.* (Enfermeira Pâmela Beatriz polo Barreiro Preto)

Os argumentos usados pelas enfermeiras no nosso ponto de vista são relevantes, quando elas falaram que orienta as gestantes a terem o parto normal, por que é isso que nossas parteiras nos orientam também, mesmo que sejam partos feitos em hospitais, mas que possa ser um parto natural, e entendemos também que a medicina ocidental contribui muito com nossas mulheres, quando se veem necessário intervir com um parto cesariano e salvar vidas. Perguntamos se elas tenham conhecimento do trabalho que as parteiras tiveram aqui no passado, e o que elas acham disso? As duas responderam que sim, e declararam achar importante. Iara Daiane diz não ter pessoa da comunidade disposta a fazer ou aprender isso (parto). E que seria interessante se pudesse resgatar.

*“Então eu tenho conhecimento, só que hoje num... tipo assim, não tem muitas pessoas que dispõem a fazer isso né, então assim isso não foi repassado, então assim as pessoas que tem já estão mais velhas e não tem ninguém a fazer, e assim, uma via de parto normal o ministério da saúde preconiza isso, e estão tentando resgatar isso, seria bom se conseguisse, mas depende do querer do pessoal da comunidade também né. Eu acho isso interessante, é muito... Como se dizem gratificantes poder trabalhar com elas, a gente já teve um grupo de gestante aqui, que veio uma parteira falar com nós, de como era antes né, que o parto normal, o parto vaginal é a melhor forma de pari. E a gente vê isso, porque antigamente aqui elas falam que não tinha unidade de saúde, não tinha médico, e as mulheres ganhavam nenê aqui, então era tudo muito normal, tudo muito fisiológico, então seria bom se pudesse resgatasse isso né, estar trazendo para cá por que se fosse parar para pensar quantas mulheres morreu, foi muito pequeno o número né... Então assim hoje eu falo para gestante se tiver que intervir a gente vai intervir, se não ter como fazer um parto normal a gente vai encaminhar para uma cesariana, mais só se necessário, só se necessário.”* (Enfermeira Iara Daiane polo Itapicuru)

*“Conheço pouco. Conheço algumas parteiras aqui na aldeia, tenho um grande respeito pelo trabalho que fizeram, pelo tempo de experiência que tenho admiro muito a coragem dessas mulheres, apesar de que eram muito arriscadas mais elas tinham suas sabedorias de como lidar com as gestantes naquela época. Bom... como eu tinha falado é um trabalho de muita coragem sem nenhuma estrutura hospitalar, mas foi mulheres que teve experiência com outras mais velhas e que deram certo. E imagina como seria a vida dessas mulheres sem essas parteiras né? Naquele tempo que era tudo difícil, então vejo isso como um grande respeito, mesmo porque elas que levaram a sério e ajudou várias pessoas.”* (Enfermeira polo Barreiro Preto)

Observamos que as enfermeiras já tem conhecimento do papel que nossas parteiras tinham aqui no passado. Elas têm uma mesma visão em relação a isso, dizem ter um grande respeito, e que acha de grande valor o trabalho que as parteiras Xakriabá tiveram aqui antigamente.

São as mesmas visões que temos também, de ser um trabalho muito importante para nosso povo, e que é de se pensar com mais atenção no resgate dessa cultura. Mas, para que isso aconteça,

tenha que haver interesse, disposição e também pessoas corajosas para resgatar esse trabalho, uma vez que percebemos que o trabalho de parteira não é fácil. Até agora conversando com elas sobre o parto vemos que por mais que elas não sejam indígenas, tem costumes diferentes dos nossos, mas, mesmo que alguma gestante queira ter o parto Cesário por medo, sempre elas orienta essa gestante a ter parto normal que é o melhor para ela, e para saúde dela. Então, procuramos sobre o pós-parto, se elas fazem orientações, e o que orienta?

*“Então... é é é, abstinência né, abstinência sexual durante 45 e cinco dias (não ter relações sexual), e a questão de infecção né, se sentir alguma febre, dor, sangramento procurar a unidade de saúde, questão de higiene pessoal né, de como lavar por que se tiver algum episio né, ter um cuidado maior para não infeccionar. Episiotomia ou episio é um corte que dar na vagina, mas, não é regra do parto só se necessário, a questão do aleitamento materno também a gente orienta e o planejamento familiar, a gente marca duas consultas puerperal, para esta falando qual método ela vai usar depois né”. (Enfermeira Iara Daiane pólo Itapicuru)*

*“No pós-parto a gente procura orientar não somente a mãe, mas a família também, para que seja mais tranqüilo possível, por que o pós-parto é um período em a mulher se encontra mais frágil tem que ter mais cuidado para não ter uma depressão, por que a gestação ela muda completamente a vida da mulher com relação ao corpo e o físico, tudo isso pode levar a problemas de saúde, se não guardar esse período corretamente. É considerado também que esta mãe guarda também pelo menos, quarenta dias para ter relações sexuais, orienta também que continue o uso de sulfato ferroso, que segundo o manual de suplementação de ferro tem que tomar até o terceiro mês de vida do neném, orientações mesmo com o RN (recém-nascido) e também o aleitamento materno que é de suma importância para a criança”. (Enfermeira Pâmela Beatriz pólo Barreiro Preto)*

Notamos que elas orientam a família da gestante também para receber orientações de como cuidar delas no período da gestação e do resguardo, orientações que ajudarão a família ficarem atentos a possível comportamento fora do normal que a mulher apresentar.

*“Agora no grupo de gestante a gente deixa livre para trazer alguém da família. E geralmente é as avós né, por que as avós influenciam muito na opinião da gestante ainda mais quando a gestante é a primeira vez né, primigesta, aí as avós já tem a cultura que cuidou dos filhos, aí incentiva as filhas, aí a gente pede para trazer as avós para a gente está orientando também, por que é muitos saberes, muitos conhecimentos e pode achar que este ajudando e pode está atrapalhando”. (Enfermeira Iara Daiane pólo Itapicuru)*

Nos comentários sobre o pós-parto percebemos que as mães que são atendidas pelas enfermeiras recebem orientações que contribui para a saúde delas, mas não percebemos em nenhum

momento que é passado o que nossas parteiras nos ensinaram no passado, talvez seja o um dos motivos das mães mais novas não guardarem o resguardo como era antes, uma vez que as parteiras já não estão atuando como antes, para orientar como deve ser guardado um bom resguardo pós-parto. Quando perguntamos o que era resguardo pós-parto? Uma delas nos respondeu dizendo:

*“Então, resguardo isso é muito cultural, antigamente o pessoal falava: não pode fazer isso, não pode lavar cabelo, mas isso mais é mito, é... dizer cultural, mas, assim eu quanto profissional, eu não recomendo isso não eu acho que é como eu já falei anteriormente é a questão mais das orientações para não ter infecção, da depressão pós-parto, que a gente tem que esta atenta quanto a isso, mas do resguardo em si, eu não sei nem te falar”* (enfermeira Iara Daiane pólo Itapicuru)

Percebemos que em questão do resguardo pós-parto, Iara Daiane deixa claro que é cultural, para a medicina o que nós consideramos muito importante para a nossa saúde, para eles é um mito, então vejamos mais uma vez que seria muito importante o resgate do trabalho das parteiras, para que volte o parto em casa e também um bom resguardo. Como as parteiras que conversamos falam o quanto é importante guardar o resguardo correto. Sobre a alimentação, as parteiras orientam o que pode ou não pode comer, mas, a enfermeira diz que: “não tem muito que dizer, a alimentação é livre”. (Palavras de Iara Daiane). Perguntamos quais problemas de saúde à mulher pode ter no período do resguardo pós-parto? Ela falou do que pode acontecer inclusive a depressão pós-parto e falou também o que é feito caso venha acontecer da mulher ter uma depressão, falou também quais são os primeiros sintomas da depressão, e o que é feito caso venha acontecer esses casos com a mulher no pós-parto.

*“Então pode ter infecção puerperal né, que é a infecção puerperal que pode acontecer até 45 dias após o parto pode apresentar, por isso a gente pede para retornar a unidade de saúde se sentir febre. Não é normal sentir febre depois do parto, anemia também pode ter e a depressão pós-parto pode ter também. Geralmente os primeiros sintomas são: Logo que a mulher ganha nenê ela fica muito sensível né, muitas choram isso é esperado né, só que aí tem algumas que é mais intenso né, fica mais chorosa, mais preocupada né, aí desenvolve a depressão. aí tem o tratamento, acompanhamento psicológico né, tem a medicação indicada que o médico prescrever”.* (Enfermeira Iara Daiane Itapicuru).

Olhando o trabalho dos profissionais de saúde de longe não dá para perceber a atenção que eles têm com as gestantes, mas, quando isso é olhado de perto percebemos que tem todo um cuidado com as mulheres grávidas, mesmo que seja cultura diferente da nossa, mas de certa maneira contribui para o bem das mulheres.

Com esse estudo entendemos melhor, o que pode acontecer com as mulheres no período do resguardo pós-parto, com isso podemos ajudar dando orientações do que pode ser feito, em alguma situação dessa natureza caso isso venha acontecer, e procurar os profissionais de saúde para devidas providências. Perguntamos que acompanhamento eles fazem no resguardo pós-parto com mãe o bebê?

*“Então, tem duas consultas puerperais né, a primeira até o sétimo dia de vida do bebê e a outra até com 45 dias. A primeira consulta a gente vai está orientando a questão do aleitamento materno, quanto a presença de alguma infecção, a segunda a gente vai está orientando a questão do planejamento familiar né, qual medo ela vai está usando depois né, (o que a mulher vai usar para prevenção de gravidez). E do bebê a gente faz a puericultura né, que é uma consulta mensal até um ano, e depois a gente vai fazendo essas consultas com intervalo maior para avaliar o crescimento e o desenvolvimento do bebê, ainda no hospital o bebê toma a primeira dose da vacina que é a BCG, e a Hepatite B e o retorno com dois meses para tomar a segunda dose da vacina aqui na unidade de saúde”. (Enfermeira Iara Daiane polo Itapicuru)*

*“Bom agente faz a gente faz a primeira visita na casa dessa mãe, observa se o bebê foi vacinado se fez os testes ofertados pelo hospital como: teste do pezinho, do olhinho e da orelhinha e fazemos uma avaliação puerperal, uma prévia consulta para vê se está tudo bem, já a mãe avaliamos a mama se está sendo estimulado a amamentação pelo bebê e também se o leite está saciando a criança, uma boa alimentação ajuda que o que leite seja suficiente para o sustento do bebê, sem precisar introduzir outro tipo de alimentação”. (Enfermeira Pâmela Beatriz polo Barreiro Preto)*

Observando os cuidados que as enfermeiras têm com as mulheres no período do resguardo pós-parto, não tem diferença de uma enfermeira para outra, muda só o jeito que elas falam, mas se tornam o mesmo sentido de cuidados. Mas, com relação às parteiras é completamente diferente, resguardo pós-parto para elas é uma cultura que era levada muito a sério, que iam bem mais além do que as enfermeiras fazem principalmente a quantidade de tempo em guardar o resguardo que as enfermeiras dizem ser a 45 dias. “Então é igual já falei a gente recomenda 45 e cinco dias” (Palavras de Iara Daiane que seguir as orientações). Já as parteiras esse período considera ter acabado com o prazo de um ano.

Iara Daiane diz que durante o período que ela trabalha aqui no território nunca teve nenhum caso de depressão pós-parto. “Então, que eu me lembre não, durante o período que eu trabalho aqui não teve nenhum caso” (Palavras de Iara Daiane). Mas essas informações são referentes a unidade de saúde que ela trabalha.

## **6- Considerações finais**

Ao término deste percurso acadêmico, ficou a certeza da importância das parteiras nas aldeias indígenas Xakriabá.

Nas conversas com as entrevistadas aprendemos que temos que valorizar, respeitar e ouvir mais os conselhos e os conhecimentos, que essas mulheres tem para nós sobre o resguardo pós – parto, quando elas falam da importância de ter um bom resguardo, porque ajuda na saúde em geral da mulher. E descobrimos também que foi através de bom resguardo que mulheres fizeram no passado, que hoje elas têm uma boa saúde, comparando com a saúde das mulheres de hoje, que tem muito mais casos de doenças.

A participação e a interação das parteiras com as enfermeiras no nosso trabalho de pesquisa foi extremamente enriquecedora, porque cada uma compartilhou suas experiências e práticas que aprenderam ao longo do tempo, e as parteiras passa suas experiências para as mais novas que tem interesse de aprender. Cada uma respeitando a sabedoria da outra independente de seus procedimentos diferenciados. Foi muito importante e emocionante cada detalhe das falas desta mulheres, nesse momento proporcionado para nós buscar as diferenças entre ter um parto feito por parteira e um parto no hospital, foi muito diferenciado e para nós isso foi como desvendar mistério porque cada um carrega uma bagagem de responsabilidade e para nós foi um aprendizado enriquecedor.

Tivemos também uma experiência fantástica nesse trabalho foi de acompanhar mas de perto o parto e o pós parto de uma pessoa da minha família (Marlene) foi algo que nos despertou ao longo de nossa pesquisa, não foi nada planejado em nosso trabalho, mas foi uma experiência que nunca vamos esquecer. Lembrar de D. Francisca (mãe de Marlene) nos orientando passo a passo o segredo de como preparar a encerrada, então percebemos quanto coisa a gente poderia escrever, mas ali sempre tinha algo que já mais conseguíamos descrever e sim só observar, foi para nós pesquisadoras um momento inexplicável, que só quem acompanhou de perto teve esse privilégio.

Nesta experiência proporcionada pelo percurso, tivemos a oportunidade de ampliar nossos conhecimentos sobre as parteiras que temos em nossas aldeias elas nos deu algumas aulas de experiências próprias que ficamos emocionadas com a coragem dessas grandes guerreiras, e que nunca vamos esquecer de seus depoimentos. E o que mais nos chamou atenção durante a pesquisa foi quando as parteiras falavam da ciências usada para fazer um parto tranquilo, e que nós não conseguimos aprofundar nesse assunto até mesmo por respeito as mesma, pois elas evitava falar sobre isso.



No decorrer da pesquisa lemos alguns trabalhos indicado pelos professores do curso de formação intercultural para educadores indígenas e por nossa orientadora Marina Tavares. Lemos “O nascer Xakriabá” de Maria José Alves, “Nem tudo que se fala” de Anide Araújo, Ducilene Araújo e Vanilde Gonçalves.

Nós não podíamos deixar de falar desse momento atual que estamos passando com essa pandemia de Covid-19 que começou quando já estávamos finalizando a nossa pesquisa. Nós achamos muito importante falar um pouco que todos cuidados com as mulheres grávidas e puérpera tem ser redobrado, esse olhar de cuidado de respeito é um olhar especial com essas mulheres nesse momento inclusive porque a mortalidade no Brasil é muito grande tanto as grávidas ou puérpera, as mulheres já são bem orientadas e acompanhadas nas aldeias pelas equipes de saúde, até o momento de ir para o hospital. E o nosso tema é importante como todo e para resgatar a nossa cultura, mas nesse momento precisamos de adaptar novos cuidados que temos que ter nas aldeias, esses cuidados com essas mulheres é essencial em tempo de Covid.

Concluimos que a pesquisa quando é feita com vontade e cuidado, é uma forma de valorização das pessoas. Esses trabalhos ajudarão na revitalização da nossa cultura e no fortalecimento dos nossos conhecimentos sobre parto e resguardo pós-parto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAUJO; ARAUJO, GONSALVES; Anide, Ducilene Vanilde. *Nem tudo que se vê se fala*. Literatura Fale UFMG Belo Horizonte 2013.

Alves M. Jose. *Nascer Xakriabá: saberes e práticas tradicionais e científicas sobre parto*. Belo Horizonte. 2019. 94f. trabalho de conclusão. Universidade Federal de Minas Gerais.